

HORIZONTES PERDIDOS

Eric J. Hobsbawm

O que a esquerda perdeu não foi uma crença razoável, mas a esperança. A queda do sistema do tipo soviético sobre o qual todas as ilusões se foram há tempo, é menos significativo que o fim aparente do sonho do qual ele foi uma versão pesadelo

1989 viu o fim do que se convencionou — nos círculos soviéticos e comunistas ortodoxos — como “o socialismo real”, ou seja, os Estados e economias construídos, com variações mínimas, de acordo com o modelo soviético. A frase era ao mesmo tempo desafiadora e defensiva. Por um lado, desafiava os socialistas de outras partes a apontar para um outro sistema que substituísse realmente o capitalismo e fornecesse uma alternativa para este. Por outro, isto implica que “o socialismo real” do bloco soviético não era realmente o socialismo que os socialistas e comunistas queriam, mas meramente o que a História lhes propiciou. Seja como for, todas as tentativas para reformá-lo por dentro, empreendidas nos últimos 30 anos, falharam. O socialismo nascido na Revolução de Outubro está morto.

O socialismo nascido há um século na Segunda Internacional, também foi atenuado, mas mais lenta e tranqüilamente. Os partidos social-democratas do mundo desen-

volvido (já que eles, dificilmente floresceram fora desta zona) tornaram-se, de fato, partidos de governo ou alternativa de governo, em praticamente todos os países europeus a oeste do antigo bloco soviético, mas ninguém espera deles a instalação de sociedades socialistas, seja qual for o significado do termo. Houve um tempo em que, mesmo seus líderes moderados apostavam numa sociedade completamente socialista baseada na propriedade comum dos meios de produção, nas palavras dos estatutos do Labour Party da Inglaterra, esboçados por Fabian Sydney Webb. Muitos poucos concordavam com Eduard Bernstein que “o objetivo final” era insignificante. Hoje, de fato, o termo “social democracia” foi tão esvaziado de seu significado original, que novos partidos são formados sob este título para indicar justamente que eles *não* são socialistas como (afortunadamente de curta vida) o SDP inglês em 1983.



Quando os velhos partidos social-democratas se viram eles próprios formando ou tomando parte de governos deste a Primeira Guerra Mundial, e os obstáculos imediatos rumo ao socialismo pareciam intransponíveis, eles puderam confortar-se calmamente com o pensamento de uma transição gradualista ao socialismo. Passos posteriores em direção à meta final seguiriam, de fato, como aponta André Gorz, suas vitórias admiráveis quanto à segurança social, possibilidades de vida iguais e justiça social; realizaram um capitalismo mais humanizado, mas não um socialismo democrático. Eventualmente, como a própria fórmula social keynesiana esteve na mira nos anos 70, o centro teórico do

Eric J. Hobsbawm, historiador marxista inglês, tem uma extensa obra publicada da qual boa parte traduzida para o português e editada no Brasil, como História do marxismo (org.), A era das revoluções, A era do capital, A era dos impérios, Mundos do trabalho, Revolucionários, Os trabalhadores e outros. Artigo publicado em New Statesman & Societiz, 14/09/90, traduzido por Dina Lida Kinoshita.

Sejam quais forem os detalhes, o socialismo foi concebido não somente como uma "nova moral mundial" totalmente (para citar Robert Owen), mas como o que faria possível a solução dos problemas do velho mundo.

socialismo tradicional, tanto reformista como revolucionário, foi colocado em questão: a propriedade social e a administração.

Hoje, poucos partidos socialistas estão felizes ao serem lembrados de seu compromisso histórico com uma sociedade baseada na propriedade pública e planejamento. O programa com que o Labour Party britânico espera ganhar a próxima eleição contém uma única menção à palavra "socialismo", e mesmo isso foi inserido num estágio posterior como concessão aos sobreviventes da velha esquerda. Nos anos 80 encontramos provavelmente pela primeira vez na História, alguns partidos denominados socialistas cujos líderes competem com a Sra. Thatcher em exaltar a supremacia do mercado e desigualdade social crescente.

Para onde tudo isso leva o socialismo? Discussões serenas sobre estas questões são difíceis devido aos clamores apaixonados emanados, por um lado, pelos neoliberais e democratas pluralistas triunfantes, e de outro, pelos intelectuais aflitos, desesperados em salvar o que for possível de suas esperanças de vida, ou se consolando por autoflagelação. Todos estes sentimentos são naturais. Pois não há dúvida de que na confrontação global em que o mundo viveu desde 1945 — e alguns diriam desde 1917 — foi claramente vencida por uma e perdida pela outra parte.

Mas quem e o quê venceu? Não o capitalismo como tal — e muito menos o mercado livre de Reagan —, mas a economia de uma pequena minoria da população global que constitui o "mundo desenvolvido". A situação do resto do mundo, que tentou a via capitalista ao invés da via socialista de desenvolvimento — e muito antes de 1945 ou mesmo 1917 — não encoraja aclamações de triunfo. Mesmo o capitalismo, parece, não é uma receita universal para fazer as nações ricas e felizes. Do mesmo modo que para a democracia liberal, façamos tudo que tenha bom êxito. No entanto, não apostemos mais dinheiro do que podemos perder na predição de que na próxima geração a Europa do leste poderá tornar-se semelhante à Escandinávia. Ela poderá parecer-se muito mais com a América Latina.

E quem teve perdas? A esquerda. E o que ela perdeu não é uma crença razoável, mas a esperança. A queda do sistema do tipo soviético, sobre o qual todas as ilusões se foram há tempo, é menos significativo que o fim aparente do sonho do qual ele foi uma versão pesadelo. Isto foi a esperança "que vamos construir Jerusalém no país verde e agradável, Inglaterra", que o poeta William Blake escreveu, e que os velhos militantes trabalhistas ingleses ainda cantam em ocasiões solenes.

Diferente das utopias clássicas, o milênio não foi um conjunto de arranjos institucionais. É por isso que os socialistas praticamente não pensaram com que pareceriam uma economia e sociedade socialista, até que foram forçados a improvisar medidas adequadas depois que se tornaram governos. Suas políticas ainda sustentam marcos das situações históricas que lhes deram vida: os sistemas soviéticos de um país agrário atrasado que tenta desesperadamente alcançar o Ocidente através de uma industrialização forçada na era de Henry Ford, os social-democratas da era da grande depressão, e ambos, de maneiras diferentes, das economias das duas guerras mundiais. Contudo, sejam

quais forem os detalhes, o socialismo foi concebido não somente como uma "nova moral mundial" totalmente (para citar Robert Owen), mas como o que faria possível a solução dos problemas do velho mundo.

Isto foi improvável, mas como escreveu Max Weber: "Toda experiência histórica confirma que os homens podem não atingir o possível, se neste mundo eles não tiveram tempo, e novamente tentam alcançar o impossível". De forma que a perda das esperanças utópicas é séria, pois, a despeito da dissensão de Hans Mangus Enzensberger, ela permanece necessária. Em todo caso, ela é universal no mundo moderno em que vivemos. Ela foi construída durante o século XIX, mãe de possibilidades técnicas ilimitadas, progresso infinito, e as ideologias do liberalismo e socialismo que repousam sobre ambas. A solução potencial de todos os problemas e o cumprimento de todos os desejos, isto é, utopia, é a implicação lógica de tal mundo. Esta utopia não é necessariamente socialista. A civilização dos EUA, para não mencionar sua indústria de propaganda, continua repousando sobre expectativas utópicas, e mesmo sua retórica política retornou mais tarde ao vocabulário milenário ("Uma cidade sobre a colina").

Já que a natureza abomina um vácuo de esperança, o declínio da visão socialista foi substituído, não pelo senso comum ou alguma outra forma de comportamento de desencanto relativo, mas por visões ruins e sonhos mais perigosos, tais como o fundamentalismo religioso, fanatismo nacionalista, ou de forma geral, o tinar da xenofobia racial que parece tornar-se a ideologia de massa majoritária deste *fin de siècle*. Tudo isso a seu modo são críticas ou mesmo rejeições da sociedade existente. Todos clamam a preservação ou o retorno, mas de fato imaginam e inventam uma comunidade de relações humanas, mas aquela, definida por exclusão. Todos crêem em ou supõem uma sociedade completamente modifica-

da por alguma grande transformação política usualmente repentina. Em suma, a utopia meramente trocou de bandeira e abandonou seus conteúdos intelectuais. Ela não desapareceu.

O que temos agora são utopias sem uma esperança *universal*, utopias locais, num tempo em que o mundo cada vez mais se organiza globalmente, e cujos problemas requerem tratamento global, e que realmente convida para um novo universalismo.

Ainda mais danosa tem sido a perda de duas crenças centrais dos movimentos socialistas: a crença na classe operária industrial como o agente histórico da transformação social, e na inevitabilidade histórica do seu triunfo. Ambas pareciam altamente plausíveis por duas gerações após a morte de Marx — tão plausíveis que o marxismo adquiriu enorme influência nos partidos socialistas e trabalhistas durante este período. Nenhum dos dois sobreviveu às dramáticas transformações econômicas da terceira quarta parte do presente século, embora, paradoxalmente, o papel do proletariado como covetiro do velho sistema (em coalisão com os intelectuais) tenha recebido uma confirmação tardia na Polônia, e talvez na URSS, economias industriais arcaicas, tipo século XIX, construídas sob os auspícios do marxismo-leninismo.

Em resumo, enquanto Marx ainda sobrevive notavelmente bem, como um filósofo que interpreta o mundo, e notadamente o desenvolvimento do capitalismo, isto não é verdade com relação aos seus discípulos, por não terem sabido como transformá-lo à base do "socialismo científico".

Enquanto isso, no Ocidente, em algum momento entre os anos 60 e 80 deste século, os papéis se inverteram. O capitalismo recuperou o sentido de inevitabilidade histórica perdido na era da crise pós-17. Ele até reconstruiu uma confiante consciência de classe empresarial, embora numa situação em que as vendas das 200 corporações gigantes representem mais de 25% do

total dos PNB's do mundo não-socialista, o alcance para uma significativa empresa *privada* dificilmente seria o que era nos dias da Rainha Vitória. O socialismo perdeu ambos: sua confiança e sua consciência de classe. O ano de 1989 confirmou tanto a recuperação como a perda.

Esta é uma situação cheia de ironia, porque as razões para a manutenção de um ceticismo estacionário sobre o futuro do mundo capitalista (sem falar sobre suas utopias não-liberais) permanece compelido. A questão central hoje não é como reconverter os anteriores países socialistas em economias de mercado com variados graus de sofrimento, que sem dúvida serão justificados como usualmente pela necessidade mesma da mão escondida de Adam Smith, de quebrar ovos para fazer omeletes. Este é um problema regional. Existem, ao contrário, duas questões globais que dominarão o mundo pós ano 2.000 e que requerem precisamente o que os socialistas sempre consideraram como indispensável: regulamentação pública, controle público, planejamento público e intervenção na operação do mercado para fins outros que o crescimento econômico.

O primeiro é a crise ecológica, que necessariamente requer um desvio maior dos imperativos da acumulação de capital ilimitada, crescimento econômico e consumismo, bem como autoridade pública efetiva, nacional e internacional. Não é o "crescimento sustentado" mas o crescimento infinito que fez o capitalismo como ele é hoje. O segundo é a ampliação dramática da distância entre as populações ricas do mundo, uma minoria que vem diminuindo — em 1900 os "países desenvolvidos" continham talvez um terço da população do planeta, e hoje cerca de 20% — e os pobres. O crescimento da economia de mercado livre por si não possui mecanismos para diminuir esta desigualdade explosiva, ainda que nos Estados desenvolvidos (até a era do neoliberalismo) a intervenção política tem um limitado

Em resumo, enquanto Marx ainda sobrevive notavelmente bem como um filósofo que interpreta o mundo, e notadamente o desenvolvimento do capitalismo, isto não é verdade com relação aos seus discípulos, por não terem sabido como transformá-lo à base do "socialismo científico".

inigualitarismo. Muito para beneficiar as economias capitalistas ocidentais.

Que sejam assim chamadas ou não, as políticas para tratar estes problemas são socialistas. Elas podem deixar de inaugurar sociedades socialistas como as tradicionalmente concebidas, uma vez que a idéia de que tais sociedades poderiam, para todos os fins práticos, eliminar inteiramente o mercado na alocação de recursos, teve que ser abandonada. Era na verdade tão impraticável como "o sistema social baseado exclusivamente sobre uma rede de contratos livres entre (legalmente) partes contratantes iguais, onde cada um supostamente não é guiado por nada além do seu próprio interesse utilitário de curto alcance" (Shumpeter). Todas as economias do futuro devem ser economias mistas. As diferenças entre todas as economias do futuro devem consistir no grau em que certas políticas estarão dirigidas para certos objetivos éticos para a sociedade e como a humanidade viveria nelas e sua habilidade de contra-atacar consequências perigosas do desenvolvimento capitalista não-controlado. É óbvio que isto pode, e provavelmente vai, requerer o uso de instrumentos socialistas tradicionais tanto políticos como institucionais. O problema real no momento é como aplicar isso a um mundo

No entanto, se os socialistas perdem a confiança em si, os problemas do desenvolvimento descontrolado do capitalismo não seguirão sozinhos. Outros tratarão disso, porque terão que ser tratados.

anárquico onde os diferentes Estados, escapam de qualquer autoridade efetiva.

Os historiadores em 2050 poderão ficar atônitos ao descobrirem que em 1990 a maioria dos socialistas, muito longe de apontar que

o futuro do globo depende do planejamento e controle públicos, competiam uns com outros na retórica do supermercado. Não há dúvida de que existem razões eleitorais. Embora na Inglaterra 54% das pessoas hoje ainda querem "uma sociedade que enfatize a provisão de seguro e bem-estar social e coletivo" (em contrapartida 40% preferem os individuais e confiar em si mesmas), e 47% preferem "uma sociedade basicamente socialista onde os interesses públicos e uma economia mais controlada são mais importantes" (ao passo que 39% querem "uma sociedade basicamente capitalista em que os interesses privados e a empresa livre são mais importantes"), poucos candidatos confiam no desinteresse de seus eleitores.

No entanto, se os socialistas perdem a confiança em si, os problemas do desenvolvimento descontrolado do capitalismo não seguirão sozinhos. Outros tratarão disso, porque terão que ser tratados. Os problemas da crise capitalista no período entreguerras foi tratado não só pelos keynesianos, pelo *New Deal* ou por políticas social-democratas, mas também, nos anos 30, provavelmente de forma mais eficaz, sob os auspícios da administração macroeconômica dos nazistas. O mundo atual está cheio de tecnoburocratas com poder, de ideólogos que rejeitam ao invés de analisar o mundo moderno em nome da fé fundamentalista e superioridade étnica, de irracionais que apenas solicitam que lhes seja dada uma chance. As perspectivas da razão, liberdade e democracia não serão boas se eles vencerem.